



Arquivo pessoal

■ ENTREVISTA

O ENFRENTAMENTO DA CRISE, PELA ÓTICA DO PRESIDENTE DA SABESP, JERSON KELMAN

O presidente da Sabesp, Jerson Kelman, também é membro do Conselho Curador da Fundação Brasileira de Desenvolvimento Sustentável - FBDS, do Comitê Científico da Semana Mundial da Água em Estocolmo, da Academia Nacional de Engenharia - ANE, do Conselho Superior de Infraestrutura da Federação da Indústria do Estado de São Paulo - FIESP, da Força Tarefa sobre Segurança Hídrica da Global Water Partnership - GWP e da Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD.

A partir de 10 de janeiro, o eng. Jerson Kelman assumiu a presidência da Sabesp. Com foco na atual crise hídrica, concedeu à Saneas a seguinte entrevista:

Saneas: Quando o senhor adverte que devemos estar preparados para o pior, qual é o cenário de maior temeridade?

Jerson Kelman: Do ponto de vista hidrológico, o pior cenário, ao meu ver, seria algo da ordem de 80% das vazões afluentes no ano passado; ou seja, nós devemos estar preparados para que nos meses que nos separam até dezembro ocorra alguma coisa ainda pior do que aconteceu ano passado. É uma hipótese extremamente conservadora. É o pior cenário. Não deve acontecer, mas temos que estar preparados. Portanto, é essencial que se cumpram os prazos previstos para as obras de reforço de adução na Região Metropolitana, principalmente a ligação da Billings com o Sistema Alto Tietê, o reforço da Billings com o Guarapiranga e a ampliação da ETA ABV. É também essencial, para que não sejamos forçados a adotar o rodízio, que a população não esmoreça e continue economizando água como está economizando agora. Graças a esse esforço, hoje estamos produzindo cerca de 70% do que produziríamos em condições normais.

Saneas: Entre as causas da crise: condições climatológicas, administração do abastecimento e padrões de consumo da população, qual tem mais peso em sua escala de valores?

Jerson Kelman: Sem dúvida nenhuma as condições climatológicas são as mais relevantes. A atual afluência ao Sistema Cantareira é disparada a pior da história. A probabilidade de acontecer a seca,

tal como está ocorrendo, é de 0,4%. Ou seja, tem um tempo de recorrência de 250 anos. Obviamente, trata-se de uma evento raríssimo.

Saneas: Muitos moradores da RMSP alegam que não foram avisados com clareza sobre a gravidade dessa crise antes das eleições. E muitos são contra às multas pelo uso acima do padrão de consumo. O senhor avalia estas reclamações como justas?

Jerson Kelman: Embora a situação dos mananciais antes das eleições fosse ruim, a expectativa era de que com o início do ano hidrológico, em outubro, esta situação se reverteria. Ainda assim, algumas medidas preventivas foram adotadas. Por exemplo, a instituição pela Sabesp do incentivo econômico – o bônus – para diminuição do consumo.

Entendo que é preciso que ocorra uma evolução regulatória para que numa situação de escassez hídrica seja possível alocar a água prioritariamente para abastecimento das cidades. Uma ideia seria a Arsesp permitir que a Sabesp cobre dos consumidores uma pequena quantia destinada a um fundo de reserva criado para "indenizar" aos irrigantes localizados a montante dos mananciais

pelo "não uso" da água numa situação de crise. Certamente, essa solução seria bem menos custosa para os clientes da Sabesp do que trazer água de locais cada vez mais distantes.

Sobre a cobrança extra para quem consome acima da meta, trata-se de uma maneira

É ESSENCIAL QUE SE CUMPRAM OS PRAZOS PREVISTOS PARA AS OBRAS DE REFORÇO DE ADUÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA, PRINCIPALMENTE A LIGAÇÃO DA BILLINGS COM O SISTEMA ALTO TIETÊ, O REFORÇO DA BILLINGS COM O GUARAPIRANGA E A AMPLIAÇÃO DA ETA ABV.

indireta de sinalizar que os direitos individuais do consumidor não podem se sobrepor ao direito coletivo à segurança hídrica, nos limites impostos pelas condições naturais.

Saneas: Como será o processo de articulação de informações sobre a crise hídrica com mais transparência?

Jerson Kelman: O site da Sabesp já publica diariamente um boletim sobre a situação dos mananciais e as áreas e horários em que é feita a gestão da pressão. Apesar disso, tive notícia de algumas reclamações sobre a maneira de informar o estoque de água nos reservatórios do Sistema Cantareira. Para clarificar ainda mais esse assunto, determinei que o percentual de armazenamento fosse expresso como percentual do volume útil, como vem sendo feito, e também como percentual do volume total, que é o volume útil mais a reserva técnica. No comitê de gestão da crise de energia elétrica de 2001, aprendi que só é possível alcançar a solidariedade da população quando se é transparente. Tenho firme convicção que esse deve ser o comportamento da Sabesp.

Saneas: Em relação ao risco da reserva técnica do Sistema Cantareira ser esgotada, quais são as principais medidas atualmente trabalhadas para garantir os níveis de abastecimento em um futuro próximo?

Jerson Kelman: É preciso a todo custo evitar que os reservatórios fiquem completamente vazios. Atualmente, estamos retirando 14 m³/s do Sistema Cantareira, em lugar da retirada normal de 32 m³/s. Portanto, uma redução de 18 m³/s ou 56%. Trata-se de um esforço significativo, muito mais intenso do que o realizado no ano passado. Planejamos retirar menos ainda nos próximos meses, quando os sistemas produtores do Alto Tietê e do Guarapiranga estiverem em condições de socorrer mais ainda o Cantareira. A simulação da evolução do estoque ao longo de 2015 – supondo um cenário conservador para as afluências e levando em consideração o cronograma de obras emergenciais de 2015 que permitirá a redução da vazão no túnel 5 – revela que, nessas condições, o rodízio seria

desnecessário. É claro que se as obras atrasarem ou se a natureza nos oferecer uma hidrologia ainda pior do que a adotada no cenário, tudo muda. Dito isso, apesar do rodízio se configurar como um evento de baixa probabilidade, temos que estar preparados para a sua ocorrência. Nesse sentido, a Metropolitana já identificou cerca de 300 pontos críticos – tipicamente grandes hospitais, penitenciárias e centros de hemodiálises – que não podem ser submetidos ao rodízio por razões óbvias. Por precaução, há um intenso trabalho sendo realizado para que estes locais possam não ser submetidos ao improvável rodízio.

Saneas: Os engenheiros da Sabesp têm sofrido algumas tentativas de desmoralização na mídia (ex: um artigo do jornal O Estado de São Paulo insinuou que seus engenheiros não passariam num exame de avaliação do ensino médio). Qual o nível de confiança que o senhor deposita no corpo técnico da Companhia?

Jerson Kelman: Tenho uma longa carreira administrando diferentes instituições em que o corpo técnico desempenha papel relevante. Quero dizer que estou muitíssimo bem impressionado com a qualificação técnica dos profissionais da Sabesp. Não é por sorte, e sim por competência, que a Sabesp é empresa líder em saneamento da América Latina.

Saneas: Existem rumores que se estuda a privatização da Sabesp. Eles têm fundamento?

Jerson Kelman: O Governo de São Paulo detém 51% das ações da Sabesp. Ou seja, é o acionista controlador. Não tenho nenhuma notícia de que tenha intenção de se desfazer deste controle. 